

Relatos locais de atores-telas: reflexividade cognitiva e estética para pensar os rearranjos da política do século 21

*Maria das Graças Pinto Coelho¹
Daniel Dantas²*

Resumo

O artigo relata o ativismo político virtual do usuário-ator em redes digitais, mas particularmente no twitter, que se articulam às mudanças nas coberturas midiáticas dos acontecimentos. Problematizamos os sentidos de interação, de “bando” na biopolítica, o “bios virtual” no contexto de um ethos midiaticizado; e a transformação das relações sociotécnicas a partir de múltiplos agenciamentos discursivos. Apresentamos a militância virtual a partir de um conjunto de métodos qualitativos e de recepção. Em princípio, desenvolvemos o arcabouço conceitual, reflexivo cognitivo, que se entrelaça com as experiências vividas – estética do cotidiano – dos jovens usuários-atores de redes digitais e com os seus rearranjos locais de atuação política. Recriam-se novas formas de comunicação e interação em redes a partir da empiria. Por último, constatamos que o movimento global de contestação política que se forma em redes digitais é desterritorializado - embora requeira “naturalmente” uma reterritorialização, ou seja a “criação” de um novo território local; atemporal, colaborativo, instantâneo e agenciado por palavras de ordem articuladas a um ‘brainstorm’ global.

Palavras-Chave: usuário-rede; biopolítica; agenciamento; contrainformação midiática

1. Introdução

*Porque algo está acontecendo aqui
Mas você não sabe do que se trata
Sabe, Mr. Jones?
(Bob Dylan, *Ballad of a Thin Man*)*

¹ Professora/pesquisadora dos programas de pós-graduação em Estudos da Mídia- PPgEM/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e da pós-graduação em Educação – PPGEd/UFRN. gpcelho@uol.com.br

² Professor/pesquisador da Universidade Federal do Ceará (UFC). danieldantas79@globocom

Desde 2010 desenham-se no horizonte movimentos políticos que dificilmente se encaixam nas tradicionais definições de movimentos de classe ou de “massa”. São movimentos sociais protagonizados por atores-redes, compostos de múltiplas singularidades, capazes de confrontarem-se com a agenda dos grandes meios de comunicação de massa. Começam com as revoluções árabes (na Tunísia e no Egito), o #15M (na Espanha) e o movimento #Occupy (nos Estados Unidos), em protestos estudantis no Chile e também no Brasil, mesmo que em dimensões locais, como no caso estudado, o #ForaMicarla em Natal – capital do estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Chama a atenção a capacidade que a militância virtual tem de agregação e de levar às ruas e praças as formas de cooperação experimentadas nas redes.

Após o surgimento das redes digitais, o impacto desse transe estrutural na ação política estimula novas práticas sociais e modifica os processos de produção, recepção, circulação e consumo de informações. A conjuntura também indica a emergência de uma nova forma de organização cultural sendo gestada, chamada por diversos nomes, mas estabelecida como um modelo cultural baseado no fortalecimento da interação comunicacional. Rastrear seus impactos nas relações sociais é fundamental para a compreensão dos fenômenos contemporâneos, associados tanto às dinâmicas e mecanismos presentes em suas aplicações práticas em arranjos locais, como às mudanças que circundam as políticas e os movimentos sociais neste início de século.

A aderência dos sujeitos à rede digital desloca as forças políticas tradicionais para outra arena pública, e apresenta novas relações de convívio e participação direta, que mais se assemelham a uma “assembléia de cidadãos deliberantes, sem intermediários e referendun” (BOBBIO, p. 65, 2002). Argumento que o autor usa para descrever os dois institutos da democracia direta.

No Brasil, mais particularmente em Natal, no Rio Grande do Norte, observamos que o militante político se organiza no Twitter para criar novos espaços públicos como (1) lugar de divulgação de contrainformação midiática; (2) lugar de organização de movimentos sociais específicos e dirigidos a causas imediatas, como a reivindicação por transporte público barato na #RevoltadoBusão; e o #ForaMicarla, que pleiteava a saída da prefeita municipal, Micarla de Sousa (PV), do cargo; (3) lugar onde midialivristas e blogueiros ganham protagonismo – ainda que seja como um espaço privilegiado de expressão e expansão de novas autoridades ou lideranças políticas. Também inferimos,

heurísticamente, que a rede social aparece e funciona de forma diferente para cada usuário, ou seja, existe uma espécie de filtro personalizado que permite a inteligibilidade e operacionalidade da ação social.

A pesquisa específica é um estudo de múltiplos casos de interação e deliberação política. Para observarmos, seguimos o rastreamento descritivo (LATOURE, 2008), utilizando transcrições das conversas na rede, streamings, fotos e vídeos dos ambientes observados, além de anotações observacionais de situações específicas. O objetivo foi desenvolver, a partir da reflexividade cognitiva e estética (GIDDENS, BECK e LASH, 1997), estudos de casos singulares que demonstravam a comunicação interacional na plataforma e seus desdobramentos na cena política local, em Natal – RN. Análise que Geertz (1973, p. 10) chama de “descrições densas”, que detalham o modo como os sujeitos investem no significado do próprio mundo e negociam e competem por outros sistemas de significados quando produzem interações midiáticas. Medimos também as estatísticas - dados quantitativos gerados automaticamente pelo ambiente virtual -, cientes de que os “fatos” nunca falam por eles mesmos, e que a relação estatística mesmo determinada numericamente, permanece desprovida de significado até que seja interpretada, como compreende Bourdieu (1999).

Na reflexividade sobre o universo dos tuiteiros, que apenas dispõem de 140 caracteres para seus enunciados, descobrimos que suas timelines, habitadas por followers e follows não poderiam ser explicadas a partir de arcaísmos conceituais referenciados em grandes relatos da modernidade. Não se encaixavam, por exemplo, na “teoria dos efeitos dos meios”, postulada na década de 40 de século XX, principalmente nos Estados Unidos, caracterizada na articulação de abordagens sociológicas de matriz funcionalista e psicológica behaviorista. Esta teoria, também conhecida como “pesquisa em comunicação de massa”, teoria dos “efeitos limitados” ou “efeitos mínimos”, ou teoria da “persuasão” ou da “influência”, trabalha com engrenagens simples, explicitadas em uma relação entre o lugar do receptor e do produtor da informação para descrever efeitos midiáticos na vida social.

Sabemos que desde a década de 40 a mídia avançou e deixou de ser a transmissão de um para muitos. As mídias digitais, que fomentam comunicações pessoais e parecem ser um grande paradoxo à comunicação de massa, instalam, no presente, um universo comunicativo que exhibe realidades complexas, como também

propiciam interações em todos os níveis e mudam o rumo das mediações sociais. As mediações se inserem no acelerado processo de midiatização³ contemporâneo e se refletem nos distintos papéis que o usuário-ator das redes digitais assume para interferir no cotidiano de suas relações políticas, econômicas e simbólicas.

Neste cenário de transe também constatamos que a lógica da liquidez social e cultural das sociedades ocidentais (Bauman, 2000: 6) impossibilita recortes analíticos clássicos dos fenômenos midiáticos. No decorrer da análise fomos alertados de que existem sinais de alarmes claros sobre as transformações que os meios tradicionais de comunicação em massa sofrem. Como exemplo, o descrédito ao relatar acontecimentos pautados pela internet em redes digitais. Algumas vezes, agora mais frequentemente, na medida em que as redes digitais se adensam, apresentam duas versões dos acontecimentos: uma online, para o usuário-ator das redes e outra versão adaptada no impresso. Relataremos o que observamos em tópicos, pequenos relatos, que são tentativas de produção de valores para dar sentidos sociais às sociabilidades geracionais – interações de jovens por meio de telas na internet.

São os pequenos relatos dos usuários-atores em redes digitais que se formam em cafés, praças, na rua, em bares, ou espaços coletivos institucionais, que apontam para uma mudança estrutural no lugar que a mídia ocupa na atualidade, quando se impõe em todas as esferas sociais e se institui como um novo espaço de trocas. E assim como nos ensaios de Walter Benjamin (1969) sobre a reprodutibilidade da obra de arte: fotografias, filmes e experiências artísticas urbanas, que presenciaram a dissolução cada vez maior dos lugares do leitor e de autorias na sociedade contemporânea, nós também estamos a tatear transformações nas características dos papéis do leitor e do autor em observações participantes em redes sociais, apresentando como recorte analítico o fenômeno interacional na mídia contemporânea.

À medida que o contato social veio a ser substituído pelos relacionamentos em redes sociais, o convívio e o ritual de cooperação que surgem nesse novo ethos modificam as relações entre o acontecimento e as estratégias de compartilhamentos sociais. A interação entre atores sociais não é mais resultante do jogo da enunciação e dos elementos e competências que compõem as estratégias da mídia tradicional. Parece

³ Quando nos referimos à midiatização, estamos pensando em uma ordem de mediações socialmente realizadas, em um tipo particular de interação, que transforma as práticas sociais a partir de um processo de significação que impregna todas as dobras sociais, como é o caso das interações que se realizam nas redes sociais tecnológicas.

que o panorama de participação social indica que os atores atuais acessam o capital social (Bourdieu, 1999) e a cooperação em um mundo de grandes inquietações, e partem para o enfrentamento das realidades complexas de diferentes campos sociais.

2. Maio de 68 no espelho retrovisor

Para ilustrar os papéis que os sujeitos desempenham ao se comportarem como usuários-atores nas performances cotidianas em redes digitais como o twitter, imagine uma cena de um filme distópico que mostre nossa sociedade num futuro próximo olhando no espelho retrovisor o movimento de Maio de 68. Sua composição vai se revelando em espaços atemporais. Jovens rebeldes seguram cartazes com as frases mais populares daquele momento: "Abaixo a sociedade espetacular mercantil"; "Acabareis todos por morrer de conforto"; "O sagrado, eis o inimigo"; "Viva o efêmero"; "Abaixo os jornalistas e todos os que nos querem manipular"...

Nas cenas exibidas observa-se em um recorte atemporal que tanto ontem, como hoje, aparece instantaneizada a resistência de jovens “indignados” que se manifestam contra os rumos estruturais do capitalismo, agora denominado de capitalismo tardio (Sennett, 2003). São eles mesmos, os inconformados de ontem, que estão se olhando no espelho retrovisor e se mobilizam por meio de dispositivos digitais para ocuparem ruas e praças em uma tentativa de revitalização da biopolítica (Agamben, 2004). Eles agora sintetizam as palavras de ordem em um slogan mais apropriado para a época: “Apagão do Consumo” ou dependendo da localidade e do momento da mobilização: #ForaMicarla, como o movimento político iniciado no twitter em Natal – RN, que logrou afastar a Prefeita.

Para entendermos melhor o que significa esse movimento de jovens em redes digitais, que recorrem ao bando para fazer política em diferentes espaços, nos deparamos com Foucault, na citação de Agamben (2004), descrevendo a forma como a política se transformou em biopolítica: “por milênios o homem permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivente e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal em cuja política está em questão a sua vida de ser vivente.” (FOUCAULT apud AGAMBEN, 2004: 11).

Agamben (2004) argumenta que é esta estrutura de bando que devemos aprender a reconhecer nas relações políticas nos espaços públicos em que vivemos. Em meio a

estas relações de grupos políticos que se reúnem em torno de um sentido de bando encontraremos a vida exposta tal como ela é – profana e banal - e permeada por uma violência sem precedentes. Em sua tese sobre a biosocialidade, Agamben (2004) procura advertir que, do ponto de vista da soberania, somente a vida nua é autenticamente política. E o bando, por sua vez, é a força simbólica, simultaneamente atrativa e repulsiva, que liga os dois pólos da exceção: a vida nua e o poder. A sacralidade, por sua vez, seria uma linha de fuga presente na política contemporânea. Um ponto confuso que pode coincidir com a própria vida biológica dos cidadãos (AGAMBEN, 2004).

No entanto, ao observarmos os enunciados da mídia tradicional durante a pesquisa, verificamos que os jornais que noticiavam a #RevoltadoBusão não colocavam o sujeito ou o bando de sujeitos no centro da interlocução. Tampouco traduzem a interação dos sujeitos que se apropriam das mídias digitais e interação, ou não, com a realidade social. A mídia tradicional continua a produzir no processo de significação desse novo universo de sujeitos em mídias individuais a “descodificação” e a “desterritorialização” que Deleuze e Guattari (1995: p. 16) apontaram como sendo condições de processos circulares, quando expressam um conceito próprio sobre o enunciado: o de agenciamento. O conceito surge referendado na distinção de facetas da análise do discurso indireto, o que não privilegia a significância ou a intersubjetividade, mas sim uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), que produzem palavras de ordem.

As cenas, que também imaginamos no filme distópico, repetem as palavras de ordem que em si são redundâncias sem qualquer relação de identidade com o ato interior imanente do sujeito ou com a imprevisibilidade das ações. O caráter social do enunciado deriva de um “agenciamento” complexo e coletivo da palavra de ordem que o identifica e indica a redundância do ato, ou da ação, que é a nota própria das atividades humanas em sociedade, ainda, segundo Deleuze e Guattari (1995). Pensar o hashtag, quando a palavra de ordem surge com o sinal do jogo da velha, #, antes do enunciado, aproxima o conceito de agenciamento dos autores com a compreensão do modo de argumento dos usuários-atores das redes digitais.

Deleuze e Guattari (1995: p. 16-17) afirmam que “os jornais, as notícias procedem por redundância, pelo fato de nos dizerem o que é ‘necessário’ pensar, reter,

esperar, etc”. Dito isso, podemos comparar o agenciamento da palavra de ordem dos grupos que fazem uso das mídias sociais para se manifestarem e exigirem uma nova ordem mundial e as narrativas da mídia corporativa tradicional? Talvez não. Embora o todo atravesse ambos os conjuntos, um grupo faz a micropolítica de fronteiras – sabe-se que as coisas se passam na crítica ao mercado e às estruturas corroídas do capitalismo. Essas manifestações são corpóreas, públicas e explícitas, beiram o profano na tese da biopolítica de Agamben (2004). Os agentes da nova ordem estão presentes em suas expressões enunciativas. O outro, a mídia de massa tende a estimular o receptor-consumidor usando um teatro de máscaras para fazer a macropolítica dos grandes conjuntos, mesmo que a comunicação de ambos se desenvolva no agenciamento das ideias.

Temos já aí um axioma que parece ser importante para os estudos de Comunicação – pois reitera uma constatação frequente: o componente comunicacional é um processo influente nas ações cotidianas dos sujeitos sociais. E a efetividade dessa comunicação e seus desdobramentos podem estar diretamente relacionados à eficácia dos processos de enunciação e agenciamento, independente de existir ou não interação entre os participantes diretos e indiretos.

Se analisarmos melhor, vemos ainda que os textos em redes sociais, como observado durante os movimentos de Natal –RN, estimulam a conversação interacional entre os atores sociais. Apontam, sobretudo, os novos rearranjos discursivos que pretendem desestabilizar as estruturas de poder existentes no mundo e forjar uma mudança na forma como as pessoas viverão no século 21. Apresentam inúmeros argumentos de transformações que surgem entre os atores-usuários a partir do uso das mídias sociais em um movimento de interação constante entre eles. Há um ‘brainstorm’ global permanente acontecendo entre os jovens atores, que promove coesão e cooperação social, e permite que eles compartilhem corpos, política e vida social.

3. A Política da Cooperação

Um dos resultados dessa nova interação social em redes é a aparição de formas de produção colaborativas inéditas que são promovidas pela Internet, que reafirmam o esgarçamento dos limites entre autoria, textos e leitores. Por outro lado, novas formas de relacionamentos sociais são implementados - sem que limites geográficos,

linguísticos ou culturais sejam relevantes - em torno de pontos de aproximação e convergência que, aliás, se manifestaram nos movimentos globais de protesto que tiveram lugar a partir do fim de 2010.

Para historicizar o bando da biopolítica, lembramos que a partir de uma situação particular na Tunísia, no fim de 2010, começaram a surgir manifestações estudantis e populares mundo afora. Os motivos imediatos variavam de lugar a lugar, mas a essência dos movimentos se assemelham em muitos aspectos, especialmente naqueles que dizem respeito a novas formas de sociabilidade que se fortalecem a partir do contexto hipermediático.

Na Tunísia, o protesto contra um regime repressor eclodiu com a ação política e desesperada de um verdureiro. Mohamed Bouazizi emulou-se em 17 de dezembro de 2010. Seu protesto desencadeou manifestações de rua contra a ditadura de Ben Ali, articuladas via redes sociais na Internet. Ben Ali deixou a Tunísia em 14 de janeiro de 2011 e o país avançou na direção da construção de um modelo político mais próximo às democracias ocidentais.

Dali a poucos dias tiveram início os protestos que terminariam pondo fim à ditadura de Osni Mubarak, no Egito. Os movimentos que invadiram a Praça Tahrir, na cidade do Cairo, foram articulados através de twitter e, principalmente, facebook. A hashtag #25Jan marcou o início dos protestos de rua em 25 de janeiro de 2011. Transmitidos ao vivo pelas redes sociais e por redes de tevê como a Al Jazeera, a queda de Mubarak reuniu perto de quatro milhões de pessoas na praça central do Cairo - e outros milhões acompanhando pela Internet. Mubarak resistiu 18 dias e renunciou em 11 de fevereiro.

Circunstanciados pela crise econômica que abalou o mundo ocidental a partir de 2008, os indignados na Europa e nos Estados Unidos utilizaram o episódio da luta para uma crítica direta ao modelo de capitalismo global. Ainda que a mídia os trate como protestos contra a crise econômica, suas palavras de ordem e suas reivindicações deixam evidente que o alvo da luta não é a crise apenas, mas o próprio sistema econômico. Era comum ver slogans em faixas e cartazes que demonstravam isso. “O sistema não está quebrado, mas foi feito assim” foi um dos slogans mais de uma vez registrado em fotografias.

Muito por isso, a mídia convencional era incapaz de, no caso do #OccupyWallStreet em Nova Iorque, por exemplo, esclarecer a pauta de reivindicações do movimento. Movimento este que se espalhou, mas não foi uniforme. Os distúrbios em Londres, por exemplo, explodiram em coquetéis molotovs, ações violentas, saques. A reação estatal foi dura. Os julgamentos e as penas aplicadas aos detidos eram “exemplares”. Nos Estados Unidos, o movimento #Occupy disseminou-se de costa a costa, a partir da experiência novaiorquina.

Na Espanha, os indignados ganharam a luz com as grandes marchas de 15 de maio de 2011 - razão pela qual o movimento foi batizado por #15M. Na América Latina, o movimento aconteceu no Chile também em 2011 e o motivo dos protestos estudantis era a garantia de educação pública e de qualidade.

Esse cenário, que poderíamos denominar como o espírito de uma época, *Zeitgeist*, status intelectual e cultural de uma sociedade em dado momento no tempo, terminou por inspirar jovens, trabalhadores e cidadãos em geral a protestos em todo mundo: Canadá, Israel, Índia, Grécia, Portugal, por exemplo.

4. E o Brasil?

No contexto brasileiro, desde meados de 2011 aconteceram tentativas de articular marchas nacionais por meio das redes sociais nos mesmos moldes dos movimentos de indignados globais, relacionando-as à corrupção. Faltavam-lhes uma motivação concreta e imediata que reunissem mentes e corações. Para uma causa mobilizar os jovens e os demais cidadãos necessita de um impacto direto e grave na vida dos sujeitos, como lembra Agamben (2004) ao argumentar sobre o sentido da biopolítica. Natal, capital do estado brasileiro do Rio Grande do Norte, no entanto, alcançou esse aspecto.

Nas eleições municipais de 2008 teve como prefeita eleita no primeiro turno uma candidata opositora do Partido Verde (PV). Mícarla de Sousa (PV) apostou em uma candidatura que foi construída em perfeita sintonia a modelos que foram descritos por Sodré (2002) como bios virtual no contexto de um ethos midiaticizado. Jornalista com forte presença na tevê através da emissora da qual é proprietária, Mícarla de Sousa soube colocar-se na perspectiva de uma eticidade estetizante e vicária, como descrita

por Sodré (2002). A sociabilização e a existência passam a ser entendidas do ponto de vista da midiaticização e essa sociabilização sobrepõe a forma e o conteúdo.

As questões estéticas e a ausência de uma discussão política, ética ou eleitoral marcaram a campanha da então candidata e tiveram seu efeito na crença vicária (na estética e na linguagem midiática) sobre Mícarla de Sousa por parte dos eleitores. Mícarla, vista como salvadora, foi eleita no primeiro turno em muito por causa disso.

O próprio Sodré (2002: 28) explicita outros pontos de vista para colaborar em nosso relato a partir do fenômeno eleitoral:

ninguém vota num político ‘televisivo’ porque a tevê manda (...) e sim porque fez sua escolha a partir de um cenário – que a tevê cria por notícias convenientemente editadas, dramas, espetáculos, entrevistas, comentários –, na verdade, uma ‘agenda’ sub-reptícia do que deve ser o político ou do que deve fazer o eleitor para tornar-se compatível com a modernidade apregoada pela economia de mercado, que por sua vez sustenta a televisão. (...) vota porque o outro simplesmente existe num espaço valorizado (a mídia), o que o torna legitimado pelo regime de visibilidade pública hegemônico (SODRÉ, 2002, p. 28)

Desse modo agiu Mícarla de Sousa procurando ao longo de um período oferecer-se como salvadora de uma cidade que sua emissora de tevê apresentava como repleta de problemas. E logrou efeito também por meio de um agenciamento midiático, segundo a compreensão de Deleuze e Guattari (1995), usando palavras de ordem plantadas na redundância, como: “Mícarla: mãe, mulher e jornalista”.

Sodré (2002) descreve a mudança na natureza do espaço público, promovida na cibercultura, tradicionalmente marcado pela política e pela imprensa escrita, que agora interagem com o espaço virtual e hipermediático da Internet, onde se movimentam e atuam novos sujeitos sociais. Não à toa, Mícarla sofreu também a consequência de ter sido a primeira gestora da cidade de Natal a enfrentar essa mudança do espaço público, radicalizada pela emergência do twitter e outras redes sociais.

Sodré (2002) analisa principalmente o fenômeno ocorrido na disputa eleitoral da qual Fernando Collor de Melo foi vitorioso para a Presidência da República, mas sua descrição cabe perfeitamente à discussão e descrição do processo eleitoral de Mícarla de Sousa à prefeitura de Natal em 2008: seu aspecto jovial, descomprometida com a classe política - os “poderosos” contra quem, ao menos em seu discurso, a candidata lutava -

investida das aparências de sujeito da moral pública e com toda cosmética (pose, roupa, expressões faciais, gestos) de apresentador de tevê - coisa que ela efetivamente era. Segundo Sodré (2002, p. 31), “a ausência de um programa político definido pode concorrer para estimular o imaginário popular na direção de um ‘eu-ideal’ qualquer, não necessariamente sustentado pela suposta racionalidade do progresso democrático”. Nesse processo, ocorre um fenômeno de despolitização midiática: a interpretação cênica da realidade é mais importante do que qualquer modo tradicional de representação e, por isso, importa mais a capacidade pessoal de gerar espetáculo (telegenia, histrionismo, agressividade bem dosada, etc.), portanto, a performatividade midiática, do que conteúdos programáticos.

Cercada de expectativas desde o início, a gestão Micarla de Sousa começou a enfrentar a oposição da população logo nos primeiros meses. A questão era a expectativa de solução imediata de todos os problemas sociais mais sérios da cidade, como saúde e educação públicas. Ela não conseguiu e, ainda, com o tempo, as informações sobre problemas na gestão e denúncias de corrupção proliferaram.

É desse modo que se inicia o ano de 2011, o terceiro da gestão Micarla de Sousa. Em 24 de janeiro, o primeiro protesto mais incisivo contra Micarla colocou-se em posição de destaque na lista de assuntos mais comentados do twitter. Nascia a hashtag #ForaMicarla que chegou ao primeiro lugar do chamado Trending Topics Brasil da rede social. A motivação imediata para a mobilização na Internet contra a prefeita foi um aumento da passagem de ônibus municipal urbano autorizado pela gestão. Mesmo com o protesto - ainda virtual -, o aumento foi mantido.

Não se passaram, no entanto, muitos meses para que os protestos, ainda articulados via twitter, ganhassem as ruas - e terminassem com uma ocupação por parte dos estudantes e de movimentos sociais da Câmara Municipal de Natal por onze dias. Em paralelo, como os movimentos assemelhados mundo afora, os manifestantes do #ForaMicarla souberam utilizar a força mobilizatória das redes sociais, agregando a elas um poderoso instrumento: a twitcam. A twitcam é uma ferramenta gratuita, acessada a partir do perfil do usuário no Twitter, que promove a transmissão via streaming de um vídeo ao vivo, bastando para isso um computador e acesso à Internet. Durante os protestos de rua a twitcam é usada em toda parte, inclusive tendo sido utilizada nas manifestações do #ForaMicarla entre maio e junho de 2011.

A transmissão ao vivo pelas redes sociais dos eventos e protestos agrega um elemento ainda mais enriquecedor para o sucesso das manifestações: amplia o acesso da opinião pública às questões levantadas pelas ações. A webcam conectada ao laptop com acesso à rede e à twitcam tornou-se uma importante ferramenta midiática para os novos movimentos.

Todas essas características, especialmente a possibilidade de decisões colaborativas entre os participantes, dentro do espírito de interação nas relações das mídias digitais, se repetem não apenas nos protestos em Natal, mas acompanha as mobilizações políticas em outros países. O *bando* que ocupou a Câmara Municipal de Natal se organizava de forma autônoma em grupos a partir de suas ações ou competências pessoais. A nova forma de organização social se estabelece a partir de novas formas de sociabilidade organizadas em competências e atributos pessoais, que também podem ser classificados como dispositivos interacionais midiáticos.

6. Versões e criminalização da mídia tradicional

Alguns episódios ocorridos durante os protestos mobilizados pelas redes do movimento #ForaMicarla em 2011 foram alvo, tal qual seus pares em outros países e contextos, de tentativas de criminalização. Neste artigo, por exemplo, observamos a reportagem produzida pelo jornal Tribuna do Norte em 2 de junho de 2011, a partir da idéia de agenciamento de Deleuze e Guattari (1995). O maior dos protestos promovidos pelo #ForaMicarla antes da ocupação da Câmara Municipal é relatado nesta reportagem.

Alguns elementos linguísticos se destacam. A jornalista que assina o texto afirma que o protesto reunia muitos jovens “interessados mesmo em curtir o momento de ser rebelde, atrair a atenção e parar o trânsito da cidade”, e complementou dizendo que para “esses, é claro, não faltou o smartphone em uma mão (retuitando) e uma cervejinha na outra”.

O texto, evidentemente, pretende traçar um cenário de despolitização do protesto, comparando-o com qualquer festa popular que reúna os jovens, como carnavais fora de época ou quaisquer outros eventos assemelhados. A descrição tem um claro efeito desqualificador que se complementa com uma observação confusa da repórter mas com forte impacto discursivo: ao se deparar com uma faixa que dizia “O Egito é aqui”, clara referência aos protestos da Primavera Árabe que levaram à

derrocada do ditador Osni Mubarak no Egito, a jornalista a refere em seu texto como “O agito é aqui”. Aquilo que, na verdade, era uma manifestação do vínculo global dos protestos de rua em Natal se transformou, no discurso jornalístico, em elemento de rebaixamento político e desqualificação do protesto e dos protestantes⁴.

7. As consequências

Com os avanços conquistados pelos movimentos de rua - e suas pautas políticas vencidas -, as ações de rua se esvaziaram. O desgaste político da prefeita Mícarla de Sousa, no entanto, somente se ampliou. Até que o novo aumento do valor das passagens dos ônibus municipais, mais de um ano depois, fez eclodir uma nova etapa dos protestos articulados pelas redes sociais, batizado agora de #RevoltadoBusão.

O primeiro protesto da #RevoltadoBusão ocorreu em 29 de agosto de 2012 e foi duramente reprimido pelo Batalhão de Choque da Polícia Militar do Rio Grande do Norte. Dois dias depois, em 31 de agosto, um novo processo contou com apoio popular, ainda que a imprensa local em seu agenciamento midiático o tenha tratado como odioso e rejeitado pela população. Além disso, mais uma vez a twitcam foi usada para registrar a manifestação ao vivo, que ocorreu sem repressão policial.

Como resultado da pressão social manifestada pelos protestos de rua, a Câmara Municipal de Natal acabou por revogar o aumento concedido. Em resposta, os donos de empresas de ônibus retiraram o direito à gratuidade - para idosos e deficientes físicos, por exemplo. A consequência foi um terceiro protesto, desta vez mais violento, quando dois ônibus foram incendiados pelos populares e a Polícia Militar, mais uma vez, fez uso de força para repressão.

Durante os episódios da #RevoltadoBusão a mídia como um todo agiu no sentido de criminalizar os manifestantes - principalmente classificando-os como vândalos. É nesse sentido que se destaca texto publicado pelo blogueiro Bruno Giovanni, do Blog do BG (<http://blogdobg.com.br>), atualmente o espaço de informações mais influente da Internet em Natal⁵. O título do post já anuncia sua

⁴ O impacto negativo da observação sobre o jornal foi tão grande que o texto foi corrigido na versão online da Tribuna do Norte - ainda que não tenha havido tempo para correção da edição impressa. O leitor pode acessar no link: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/protesto-reune-milhares-de-jovens-e-fecha-br-101/183648>.

⁵ De acordo com a ferramenta Klout (<http://www.klout.com>).

posição negativa sobre os protestos: “Os transtornos valem a pena?”⁶. Quer dizer, os protestos já são, de antemão, vistos pelo prisma do transtorno.

O texto foi publicado no dia 3 de setembro, depois dos dois primeiros protestos, e está repleto de tentativas de qualificar negativamente as ações de rua. Ao relatar o primeiro protesto, de 29 de agosto, o blogueiro vaticina que um “verdadeiro caos foi instalado”. E aprova a ação do batalhão de choque: o caos “foi encerrado após um confronto com policiais militares” que, ao ver do blogueiro, reestabeleceram a ordem da cidade.

Ao se referir ao segundo protesto, Bruno Giovanni afirma que os jovens “terminaram protestando para o vento”. E para “não ficarem esquecidos”, os manifestantes, segundo o texto, decidiram “iniciar uma verdadeira peregrinação pelas ruas de Natal”. A conclusão não podia deixar de ser negativa, uma vez que o objetivo é enquadrar o protesto em uma moldura desqualificadora: “Trânsito, transtorno, estresse, caos, atrasos, só que dessa vez generalizado”.

As qualificações utilizadas pelo Blog do BG para se referir aos protestos da #RevoltadoBusão constroem unicamente uma imagem caótica gerada pelas manifestações: todas elas giram em torno da ideia de que as ações de rua geram caos generalizado e que a intervenção policial serve para restaurar a ordem e trazer a tranquilidade à cidade. Ao se referir aos protestos, o blog destaca “algumas badernas, atos de vandalismo, dos confrontos com a Polícia, da tentativa de impedir o trabalho jornalístico dos veículos de comunicação, das hostilidades praticadas contra quem tentava furar o protesto, e de tudo o que houve de ilegal”. E completa dizendo que a “bagunça” tomou conta das ruas de Natal e deixa claro que compreende que o jovem deve ser despolitizado, uma vez que crê que seu único compromisso deve ser com o estudo.

Esse enquadramento adequa-se não apenas à posição da mídia oficial ou convencional. Relaciona-se, com clareza, à postura midiática global contra as ações de rua. Se os protestos do #ForaMicarla e da #RevoltadoBusão fazem questão de enfatizar suas relações globais com movimentos semelhantes ao redor do mundo, tanto a repressão policial quanto o enquadramento midiático sobre as ações do movimento também se filiam da mesma forma ao que ocorre em outras partes do planeta.

⁶ Disponível em: <http://blogdobg.com.br/aumentonao-e-revoltadobusao-os-transtornos-valem-a-pena/>, acessado em 02 dez 2012.

Para completar, Bruno Giovanni ainda quer fazer descrever da relevância do impacto que o aumento autorizado, que majoraria as passagens em vinte centavos, teria sobre as contas dos usuários de ônibus:

Vejam bem: as passagens de ônibus em Natal aumentaram R\$ 0,20. Estudantes pagam meia, ou seja, o aumento real pra eles foi de R\$ 0,10. Isso mesmo! Pode ler: dez centavos. Considerando que um estudante gasta duas passagens por dia, uma para ir para casa e outra para voltar, lá se vão R\$ 0,20 de aumento por dia. Considerando-se 30 dias do mês, temos um aumento de R\$ 6 por mês. Por causa de R\$ 6 por mês toda a sociedade tem que ser penalizada? Porque não protestar contra as pessoas certas? Contra os verdadeiros responsáveis pelo aumento? Será que um protesto que provoca prejuízos diretos e indiretos a toda uma sociedade vai fazer os verdadeiros responsáveis por esse aumento voltarem atrás?

Movimentos como o #ForaMicarla e a #RevoltadoBusão encontraram, no mundo inteiro, alternativas criativas para enfrentar esse enquadramento midiático utilizando a Internet e as redes sociais. Desse modo, a filiação natalense aos movimentos de protestos globais se reforça. Como seus pares mundo afora (#15M e #OccupyWallStreet, por exemplo), os movimentos em Natal também se utilizaram com eficiência da exploração da imagem, com as transmissões via twitcam da ocupação da Câmara e dos protestos de rua na #RevoltadoBusão, além de vídeos que também foram produzidos e publicados no Youtube e redes sociais para que contem uma outra história do movimento: a partir do ponto de vista dos seus protagonistas.

Por fim, a prefeita Micarla de Sousa desistiu da campanha de reeleição e, atingida por uma investigação do Ministério Público estadual, terminou afastada por decisão do Tribunal de Justiça do estado até se completar o tempo de seu mandato. Quando foi afastada, Micarla de Sousa amargava índices de desaprovação popular superiores a noventa por cento de acordo com pesquisas de opinião.

8. Conclusão

Trazendo a empiria como objeto de reflexão, ou para a autoconfrontação (GIDDENS, BECK e LASH,1997), observamos que os enunciados da mídia corporativa - e mesmo de seus representantes discursivos nas novas mídias, como o blogueiro

Bruno Giovanni - não colocam o sujeito no centro da interlocução e também não se preocupam se ele interage, ou não, com a realidade social. Suas narrativas, sobre eventos de natureza cada vez mais global e ao mesmo tempo repetidos em arranjos locais, ao excluir sujeitos esvaziam as ações políticas, a reflexão de suas causas, as buscas consequentes, as críticas e pautas que as orientam.

Interessa-nos ainda irmos além das perspectivas analíticas da ação política direta e da ação crítica dos grupos que constroem uma nova ordem de conversação mundial, para nos perguntarmos sobre que narrativa é esta. Ou seja – o que a caracteriza? Pensamos que o conceito de narrativa midiática na mídia tradicional deveria descrever o acontecimento para além de seu valor de substância político-social geral, e se deter na individualização de uma hora, de um acontecimento de um território e de um modo de fazer política econômica. Que processos aí são acionados, para além dos temas e dos objetivos apresentados no noticiário? Tais processos vinculam efetivamente as ações dos mercados ao sofrimento social e ao envolvimento do sujeito com a política que são de interesse geral?

E por estarem melhor integrados à cultura contemporânea das redes digitais sociais, os movimentos globais de jovens indignados - inclusive aqueles destacados neste artigo, quais sejam, o #ForaMicarla e a #RevoltadoBusao - têm sabido explorar as lacunas existentes no discurso da mídia corporativa e convencional. Produzem a contrainformação e exploram o uso da Internet, das redes sociais, dos vídeos pré-produzidos ou as transmissões ao vivo via streaming em seu favor na disputa política em favor de uma agenda que é praticamente na íntegra oposta àquela representada pelas instituições sociopolíticas e econômicas que se manifestam no discurso midiático convencional.

As interações midiáticas, mesmo em redes digitais, não operam, nem funcionam no vácuo, estão inseridas nos conjuntos da economia, da política e da cultura, sejam estes locais, nacionais, regionais ou internacionais. Permitem avaliar as necessidades da comunidade que dela se apropria e enfatiza a importância do cidadão no contexto social em que ele está inserido. A produção de interações midiáticas enquanto uma prática política, no sentido amplo do político concebido como uma dimensão que é “inerente para toda a sociedade humana e que determina nossa condição ontológica” (MOUFFE, 1997, p. 3) necessita ser compreendida através de teorias que traduzam suas

complexidades. Desta maneira entende-se que o político não é somente relacionado ao sistema político, mas também, às diferentes esferas da vida social - a família, o bando, a comunidade, e a mídia, como esferas válidas e iguais para os efeitos de atividades e expressões da política de equidades democráticas.

Mas o ponto criativo das discussões, aparentemente infinitas, sobre a nova ordem política que emana das redes digitais pode ser o ponto levantado por Walter Benjamin (1969), ao analisar a estética da vida cotidiana, não como uma metanarrativa utópica da mudança social, mas como uma abertura de possibilidades para a livre expressão, para a democracia popular para o impulso criativo e anônimo do usuário-ator da rede digital. Agora, desterritorializado, porque mesmo multiplicado em espaços virtuais, mas naturalmente reterritorializado e apegado ao contexto local em suas ações e reflexões cognitivas que produzem interações e mobilizações livres e bem informadas, contrastando com os agenciamentos distópicos da mídia tradicional.

Heuristicamente, inferimos, ainda, que por isso mesmo os atores-telas conseguem angariar fortes apoios nos contextos sociais em que se inserem - ainda que no discurso da mídia corporativa surjam como um bagunçado bando de jovens e desocupados, sem reivindicações claras e justas e sem consciência social e política. Nessa disputa política e econômica pelo discurso, ou pelo poder da livre expressão, dar-se-a melhor quem conseguir assumir e se adaptar ao espírito dos tempos: Mícarla de Sousa foi afastada pela Justiça, a passagem de ônibus em Natal foi revogado, ditadores do mundo árabe foram derrubados pela mobilização popular. “Sejamos razoáveis: peçamos o impossível”.

9. Referências bibliográficas

- AGAMBEN, G. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- BAUMAN, Zigmunt. Liquid Modernity. Cambridge: Polity Press, 2000.
- BECK, Ulrich,; GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. A Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna. São Paulo: Editora Unesp, 1995.
- BENJAMIN, Walter, ADORNO, Theodor W, GOLDMANN, Lucien. Sociologia da Arte, IV. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

- BOBBIO, Norberto. O Futuro da Democracia. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.
- GEERTZ, Clifford. The Interpretation of Cultures: Select Essays. Nova York: Basic Books, 1973.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- LATOUR, Bruno. Reensamblar lo social. Una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Manantial, 2008.
- LACLAU, E. e MOUFFE, C. Hegemony and Socialist Strategy: towards a radical democratic politics. London, Verso, 1997.**
- SENNET, Richard. A cultura do novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002